

Mais uma vez um sertanista realiza um trabalho de atração. Desde 1970, que nós — um grupo de jornalistas, sertanistas, e alguns antropólogos de fé — vimos nos batendo para eliminar a expressão *pacificação*. Pelo menos, neste terreno etnológico já obtivemos alguns resultados, embora no resto as violências continuem as mesmas; *contatar*, em lugar de *pacificar*. Palavrinha colonialista tá aí: *Pacificar*.

Pacificar o quê? Os índios, sua cultura, sua maneira de viver, sua concepção de mundo? Eu até acho, que uma das formas inteligentes de se xingar alguém é chamá-lo de civilizado. Então, quando pisarem em nossos pés, seja ao nos *fechar*, dirigindo um carro, ou um companheiro de trabalho investido da ideologia do patrão, ou um político entreguista e vasalo na linha dos fisiologistas da Arena, chame-mo-lo de *civilizado*, repetidas vezes, com toda a força daninha que essa palavra significa. O civilizado está de mal com a natureza, o índio não, vive em paz com ela. O civilizado precisa competir, destruir o *outro*, necessita do lucro, enaltece a propriedade privada, prende, tortura, cultiva a violência como um silvícola se extasia diante de uma orquídea. Então, quem precisamos pacificar?

Sidney Possuelo é um sertanista honrado. Honrado como Apoena Meireles, e já sei que nenhum dos dois gostará de tal comparação. Mas eu, pessoalmente, não estou dividido pelas lutas internas da Funai, e repito, ambos são honrados.

Tanto um como o outro não gostam de atrair grupos primitivos. É um gesto equivalente a apanhar um sapo e entregar a uma serpente faminta. O processo civilizatório é uma serpente faminta.

Recentemente os jornais brasileiros divulgaram que na guerrilha do Araguaia, entre 1971 e 1974, os índios Suruí foram utilizados para caçar guerrilheiros. Sem a menor consciência do trabalho — diga-se dimensão ideológica — que estavam prestando. Enquanto não lhes chega o fim, se prestam para tarefas dessa ordem.

Sidney Possuelo, meu amigo, realizou este contato com os Mayá, assim de surpresa, quase à sua revelia, e logo depois era transferido para o Maranhão. Um dos projetos da Funai é introduzir esses grupos primitivos da Amazônia numa economia de mercado, de tal forma, que logo após o contato, os índios possam pagar com seu trabalho, o que foi gasto pelo Governo na tarefa de *contatá-los*. Consta que Sidney discordou dessa sapiente política. Imediatamente teria sido transferido.

Toma-se a terra do índio, confina-se o grupo a uma área onde jamais poderá sobreviver, e em troca dessa violência se exige que ele faça o ressarcimento de toda essa operação. O grande De Gaulle teria dito, certa vez, que este — Brasil — não é um país sério.

Passemos agora aos fatos;

ENOQUANTO ISSO NA AMAZÔNIA, O MAIOR TERRENO BALDIO DO MUNDO,

OS ÍNDIOS CONTINUAM SENDO MORTOS

EDILSON MARTINS

As fronteiras do Brasil, Peru, Colômbia, os índios não as respeitam. Não existe para eles essa divisão. Às vezes numa mesma tribo, divididas em funções da caça, pesca ou mesmo dissidências internas, um grupo se desloca para o Peru, o outro permanece no Brasil.

ECONOMIA

Essa região é dominada, pelo extrativismo da borracha. Há ainda muitos seringais — grandes latifúndios — e as terras são demarcadas pelo dono, que se apóia nas fronteiras naturais criadas pelos rios. Há seringalista que se diz dono de um seringal das nascentes até a foz do rio, envolvendo dezenas e dezenas de quilômetros de extensão.

Tudo o que se encontra nessa área ele garante que é dele, como de resto exerce esse domínio com violência e não admite contestação.

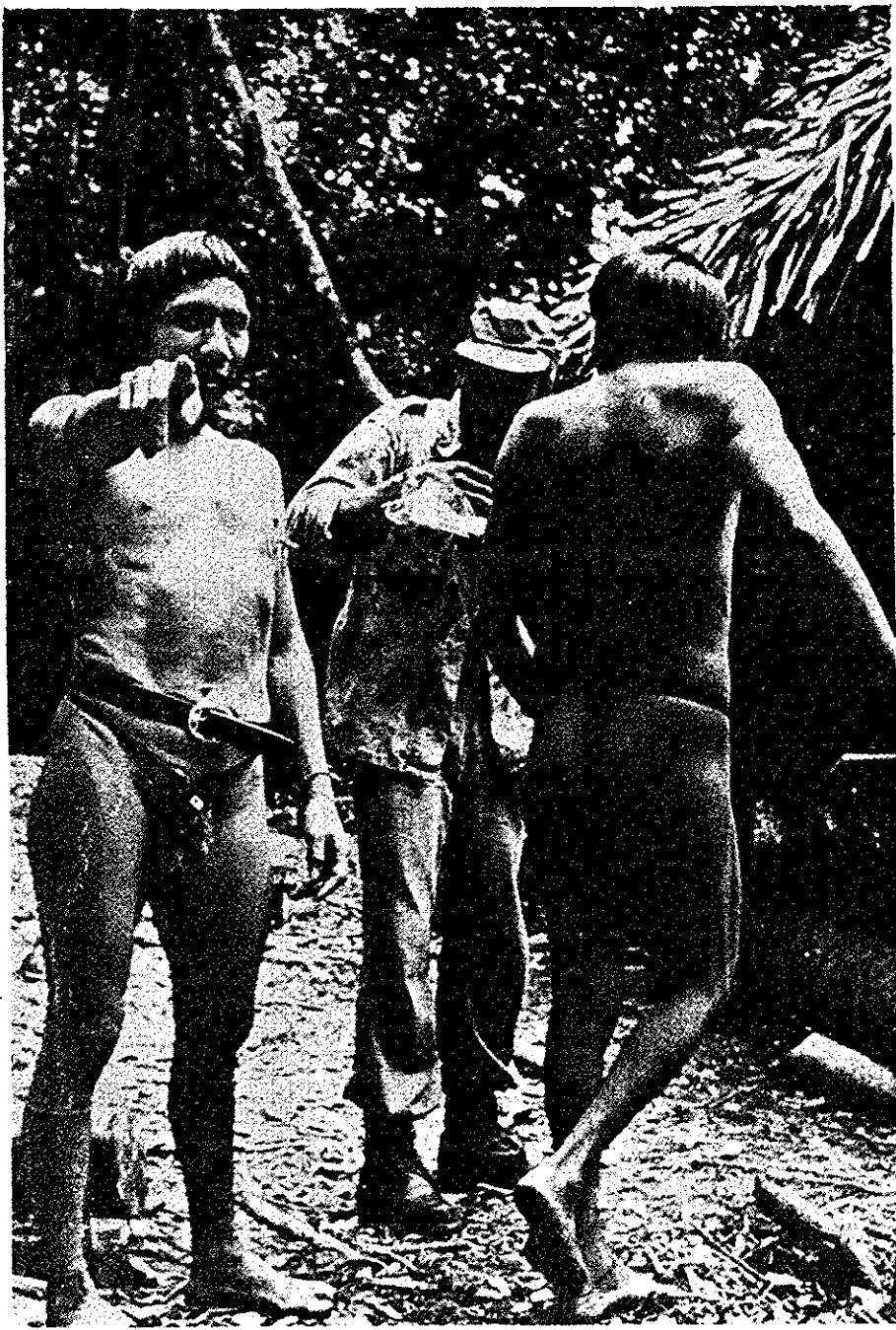
A borracha, cujo quilo em Benjamin Constant não vai além de CR\$21,00, encontra-se praticamente no fim, e sua extração não se justifica mais em grande escala. E aconteceu o pior: descobriu-se o mogno, certamente uma das últimas reservas dessa madeira na região. Mogno, cedro e outras espécies conhecidas como "madeiras-brancas".

Essas reservas estão determinando a presença de frentes madeireiras, muito mais daninhas e agressivas que os seringueiros e coletores de castanha do ciclo da borracha. Enquanto existir uma árvore em pé essas frentes não descançam, derrubando tudo que o encontram, pouco se importando com o desequilíbrio ecológico, destruição da fauna, expulsão do índio do seu "habitat". Para esses grupos não há limites nessa penetração. E os choques não têm sido poucos, já que muitos são os interesses em jogo.

Há conflitos gerados pelas frentes madeireiras, pelos regatões, (pequenos comerciantes que sobem e descem os rios vendendo produtos manufaturados e comprando matéria-prima), pelos seringalistas (grandes latifundiários), pelos seringueiros seus empregados e no centro disso tudo os índios. Os regatões realizam o conhecido escambo, inaugurado pela ocasião da Descoberta, por portugueses, franceses e holandeses, no litoral, e que até hoje persiste nessa área da Amazônia brasileira.

Os índios entregam "toras" de madeira de lei de 60 ou 80 centímetros de diâmetro, e comprimento de 4 metros, por apenas CR\$60,00 a esses homens da frente madeireira. Em troca recebem um pouco de açúcar, um pouco de sal, um cartucho, uma camisa já usada, uma alpargata japonesa, tudo isso avaliado a peso de ouro. E às vezes até mesmo cachaça, conforme acontece

PASQUIM



Os Mayá se mostraram muito intrigados com a máquina fotográfica. No início pensaram tratar-se de armas.

No meio do mato surge um vulto, que logo desaparece. O sertanista e seus companheiros de expedição formam um pequeno círculo, e a expectativa toma conta de todos. O vulto volta a aparecer, a uma distância de uns 40 metros, e a se esconder sempre atrás de alguma árvore na floresta cerrada, dominada por árvores de 30 a 40 metros de altura. Já agora ninguém tem mais dúvidas de que se trata de um índio.

O sertanista Sidney Possuelo, ex-diretor de Parque Indígena do Xingu, e do Parque Indígena da Ilha do Baraúna, considerado o sucessor dos irmãos Villas Boas, que o introduziram no indigenismo e com os quais viveu mais de 15 anos no mato, contactou na fronteira do Brasil com Peru e Colômbia, um grupo de índios cujo nome — mayá — origem e língua são praticamente desconhecidos.

A LOCALIZAÇÃO

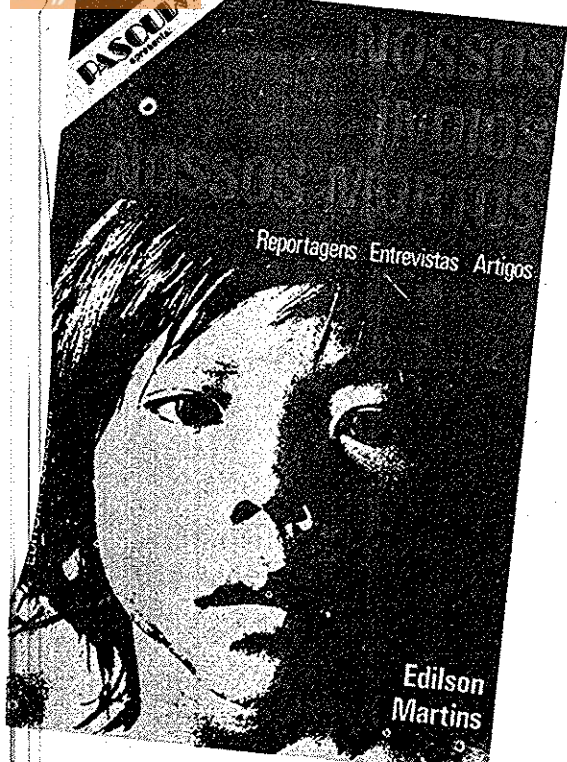
As primeiras informações colhidas junto aos antigos moradores da região atribuem a esses índios o nome Mayá, mas antropólogos como Carlos Moreira e Darcy Ribeiro acreditam que eles sejam na verdade segmentos pertencentes ao grupo Mayuruna, embora separados geograficamente.

Nesta região se encontra instalada a Base Avançada de Operações do Solimões — BFsol —, da Coordenação da Amazônia — Coama — órgão subordinado à Funai. A base fica em Atalala do Norte, fronteira com a Colômbia, e o Solimões, que mais adiante forma o Amazonas, é o principal rio desta bacia, onde se destacam os rios Javari, Ituí, Itaquai, Quixito, entre outros.

A BFsol dispõe de seis postos indígenas entre os Ticuna, que somam cerca de 20 mil pessoas, divididos em dezenas de aldeias, e onde se verifica um movimento messiânico abordado por Vargas Llosa em sua obra picaresca *Pantaleão e as Visitadoras*.

Há nessa região, grupos de Marubo, Canamary e Mayuruna, onde se distribuem mais quatro postos — frentes de atração — já que o contato ainda não se encontra consolidado. A Funai, através da BFsol, busca portanto atrair os grupos remanescentes de Marubo, no rio Curuçá, Mayuruna, no rio Ituí, e mais os grupos de Canamary. Os Mayuruna são procurados no vale do Igarapé Lobo na fronteira com a Colômbia. Esta é uma das frentes de atração mais distante.

Já ocorreram encontros ligeiros entre os sertanistas e esses índios, mas o contato não foi ainda consolidado. As tribos Mayuruna, Canamary e Marubo não somam mil índios, pelo menos conhecidos. Há, portanto, um total estimado de 21 mil índios. Interessa dizer que se hoje ainda há esse número, fácil admitir que somavam milhares e que foram exemplarmente eliminados, não só durante o ciclo das drogas do sertão, a partir do século XVII, como principalmente em pleno ciclo da borracha, que se inicia na segunda metade do século passado.



Reportagens Entrevistas Artigos

Edilson
Martins

AGUARDE NO PRÓXIMO NÚMERO DETALHES SOBRE O LANÇAMENTO DESTA LIVRO! VOCE TA' CONVIDADO!?

na região dos Ticuna, no vale dos Solimões. Esse escambo é totalmente nefasto, absolutamente criminoso junto a essas minorias étnicas.

É a partir dele se forma uma cadeia de dependência sinistra. O índio, o seringueiro, o ribeirinho, circulando nesse processo, jamais se emancipam. O índio depende do seringueiro, ou do madeireiro, estes se vinculam ao regatão, e o regatão passa a depender do aviador (comerciante maior estabelecido em praças como Manaus ou mesmo outras cidades). E isso nunca tem fim.

É o mesmo sistema do "barracão" que dominou toda a economia da borracha na região amazônica. A dependência dessas minorias étnicas e desses grupos de ocupação nacional — seringueiros, caçadores de pele, ribeirinhos, posseiros — nunca termina, torna-se eterna.

O CONTATO

O sertanista Sidney Possuelo conta que se encontrava em Atalaia do Norte quando foi informado, por um grupo de madeireiros, que na área do rio Quixito estariam aparecendo índios. Com medo de um ataque os madeireiros desceram o rio, mas no local permaneceram "outros companheiros mais teimosos" disseram.

— Meu primeiro desejo foi subir o rio, e afastar os madeireiros da área. Preparei uma rápida expedição, formada por índios Marubo, Mayuruna e Canamari, cada um falando uma língua distinta. Acompanhou-me também um técnico indigenista, da Funai, Wellington Figueiredo. Portanto formávamos um grupo de cinco pessoas, sendo três índios aculturados. Havia um dado curioso nas informações recebidas; as roupas deixadas para quicar (secar) pelos madeireiros, junto ao acampamento no meio do mato, desapareciam. Dias depois eram encontradas distantes, mas sem os botões. A partir daí criou-se uma enorme fantasia no meio dos madeireiros.

O sertanista Sidney Possuelo e seu grupo deixaram Atalaia do Norte de barco, durante dois dias subiram o rio Javari, se desviaram para o Itaquai, e depois tomaram o Quixito, por onde se aproximariam do acampamento dos madeireiros. Nessa época do ano toda essa região se encontra alagada, e o acesso é profundamente difícil, senão quase impossível. Alcançado o acampamento, depois de algumas horas de caminhada, decidiram fazer a penetração, o chamado reconhecimento do terreno. Depois de muitas horas de penetração, numa tarde chuvosa, em dado momento viram marcas de pés. Discutiam de quem se trataria, já que há seringueiros que andam descalços, quando foram surpreendidos por um barulho no meio do mato. Poderia tratar-se de um animal qualquer e todos ficaram atentos.

— Todos em silêncio, conta Possuelo, quando um índio passa rapidamente de uma árvore para outra, e se esconde,

distante a uns 40 metros. Aparecia e se escondia. Pedi cautela aos companheiros e decidi ir até ele, ou eles, o que era mais provável. Mas isso não foi assim tão rápido. Durou horas esse "namoro". A gente ia na direção dele, se afastava. A gente retornava ele vinha atrás. Em dado momento, depois de muitas horas nesta situação, joguei todas as minhas armas no chão e fui decididamente até ele. Sem olhar para os seus olhos e demonstrando muita segurança.

— Frente a frente com ele, seguro nos seus dois pulsos, e verifico que tremia muito, certamente mais que eu. Numa fração de segundos então o abraço, fortemente. Eram 3 hs no meio da selva amazônica.

É um acontecimento fantástico. Duas culturas, separadas por centenas de anos, 12 mil anos no mínimo, que se tocam, se aproximam. Apareceu um outro índio e houve uma grande confraternização, troca de presentes, machados, naturalmente botões.

— Ofereci chocolates, balas, coisas que a gente conduz no mato. Receberam com generosidade, mas logo depois cuspiam tudo, revelando um visível escárnio por estas delícias de nossa civilização. Convidel-os a nos acompanhar até o tapiri (palhoça precária) dos madeireiros. No local encontramos apenas um velho, que ali se encontrava sozinho há semanas, praticamente sem nada comer, aguardando o retorno dos outros madeireiros, que haviam se embrenhado no mato em busca de mogno.

Possuelo explica que antes de anoi-tecer os dois índios os convidaram a ir até o tapiri de caça deles. Exigiram apenas que não conduzissem nenhuma arma. Houve resistência do pessoal de Possuelo, mas terminaram concordando com a exigência dos índios.

— Chegamos ao Tapiri deles, pros-segure, anoitecendo, tudo escuro. Havia panelas de barro, e outros objetos que revelavam se tratar de base de um acampamento para caça. Então os dois índios, sempre com muita mímica, se dirigiram para o interior do mato. Ficamos na maior expectativa, principalmente por estarmos desarmados. Os índios nessa região, principalmente os Marubo, têm desfechado muitos ataques contra seringueiros e sertanistas, e não ignorávamos que se um grupo maior viesse nos atacar nem tiros para o ar poderíamos desfechar evitando assim o massacre.

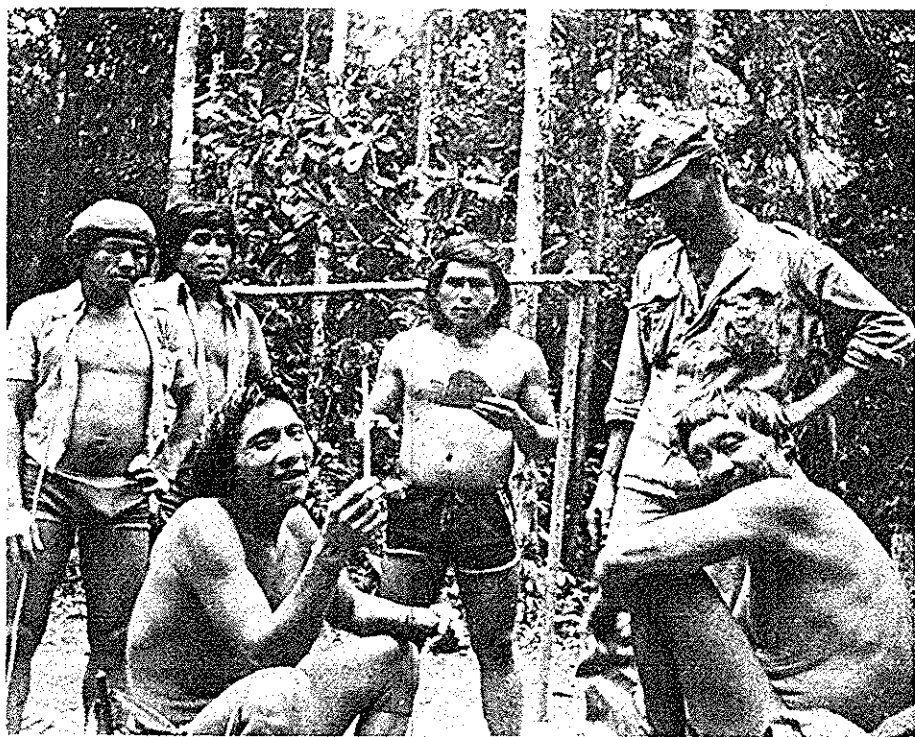
Uma hora depois da partida dos dois índios surge um velho, uma mulher, três crianças. Um pouco depois reaparecem dois índios. Era uma família. Caçavam há mais de uma semana. Criou-se então uma grande confusão.

— Todos falavam juntos, a mulher gritava, as crianças choravam, o velho tremia mais que vara verde, conta Possuelo. Os outros dois índios do primeiro encontro, inicialmente se mostravam mais tranquilos, mas logo depois aderiam também à gritaria. Gritavam, pulavam, falavam sem parar. Davam as mãos, tiravam, davam de novo, abraçavam, fugiam, voltavam, fugiam novamente. Depois de quase duas horas as coisas foram se acalmando, eles já cansados, nós também, e então fui até a mochila e apanhei alguns presentes.

— Demos mais botões, mesmo assim não se contentaram e arrancaram os de minha camisa e de todo o meu grupo. Nenhum dos três índios que se encontravam comigo na expedição conseguiu identificar a língua desse grupo. Então todo o diálogo se desenvolveu através de mímica, o que não é fácil. Nos disseram que se encontravam a sete dias da aldeia central.

Possuelo explica que depois de tudo acalmado, o fogo sempre aceso, "cantamos para eles. Depois eles cantaram para nós. Confraternizamos. Essas coisas do mato. Permanecemos acordados eles também. Não perdemos de vista a surpresa de um ataque. Até que o dia amanheceu. O Sol nascendo, eles voltaram novamente a cantar para nós. Um canto muito bonito, uma forma muito especial de dizer que recebiam a gente muito bem. Cantorias alegres, outras tristes, simples e estranhas. Muito estranhas para todos nós."

— Então com muitos gestos, pros-segure, indicando os dedos dos pés, e das mãos, um por um, repetidas vezes, nos



Os que se encontram de cócoras são os Mayá, o restante são o sertanista e os três índios aculturados que participaram da expedição.

informavam que na aldeia central havia centenas de outros índios. Nos convidaram para ir até a aldeia central. Recusel. Não se justificava e nem tinha sentido. A gente vai na aldeia deles, damos presentes, somos bem recebidos. E o índio passa a imaginar que a expansão do civilizado é cordial. É o fim deles.

A IDENTIFICAÇÃO

O antropólogo Carlos Moreira um dos cientistas sociais que melhor conhece a questão indígena brasileira, lembra que o grupo era contatado podendo ser incluído na classificação das tribos de florestas tropicais. Arqueologicamente hoje é bem estabelecida a época dessa migração. "A coisa aí varia pelos 20 a 30 mil anos, através do estreito de Behring, procedentes da Ásia. O fato desse grupo utilizar a zarabatana (arma de sopro que consiste numa grande haste, mais de três metros de comprimento, através da qual se lança pequenas flechas com curare) não significa que sejam pertencentes a uma fase cultural mais desenvolvida ou não."

Esses contatos oferecem inicialmente o enorme perigo, do ponto de vista da saúde dessas comunidades. Sarampo, tuberculose, gripe, doenças venéreas tem cobrado um preço extraordinariamente grave a essas populações. Há, entretanto, um segundo aspecto, de níveis cultural e econômico. Um grupo indígena quando busca o contato, em muitos casos eles o fazem com tanto empenho quanto nós, não tenhamos dúvida de que se trata de um ato de submissão. Há muitas tribos que garantem ter pacificado os civilizados. Cinta-larga no Aripuanã, Parintins, e muitos outros. O grupo se considera imobilizado e se entrega à vontade do grupo dominante. Em termos de organização social há praticamente a invalidação do poder dos chefes do grupo. E a partir daí quem passa a tutelar toda a aldeia são os agentes da pacificação, que passam a ter um poder de intervenção total, através dos bens que levam, do prestígio das armas que carregam, do prestígio de sua condição de branco, do poder material conduzido. E também dessa aura mágica de herói civilizador.

Carlos Moreira enfatiza que "Isso desorganiza toda a vida social, cultural, econômica da aldeia. A chamada pacificação sempre se fez para servir aos interesses da sociedade regional. Contatar para salvar um grupo indígena é uma exceção. A pacificação no Brasil, tradicionalmente, sempre se realizou para "limpar a área". Isto é, neutralizar a capacidade de resistência do grupo, quase sempre transferi-lo de sua área de origem. A pacificação quase sempre se segue à ocupação definitiva do território indígena. Do ponto de vista do índio a pacificação é algo desastroso. Do ponto de vista da sociedade nacional a pacificação significa mais terras para serem anexadas, reservas florestais que serão imediatamente derrubadas, ou mesmo a exploração da descoberta de minérios. A

primeira coisa que acontece com um grupo pacificado é que ele deixa de produzir alimentos. Uma desmoralização geral toma conta da aldeia, do grupo."

De tudo, isso torna-se claro que a política indigenista é um transparente desdobramento colonial. Desde a Descoberta. Os Jesuítas eram os delegados do Poder Real para manipular as populações nativas. As cartas do Nóbrega dirigidas ao Rei de Portugal o demonstram. Quando se fala em indigenismo, observam os antropólogos, o que se verifica é a integração não do índio à sociedade nacional, mas de seu patrimônio aos interesses da expansão colonial.

O antropólogo Darcy Ribeiro afirma que a partir de Rondon poder-se-ia falar na redenção dessa política. Mas o exemplo não foi seguido. Muito pelo contrário. A Funai, em que pese toda a vontade e boa-fé de seu presidente, General Ismarth de Araújo, como instituição, a partir de 1967, data de sua criação, se encarregou de rapidamente enterrar o cadáver da herança do lendário General Cândido Rondon.

Durante o primeiro encontro esses índios davam as mãos, gritavam, choravam, pulavam, corriam, e os funcionários da Funai tiveram que fazer o mesmo a fim de evitar indelicadezas.

